

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	GO	01	00	08	F40	03
	UF	SÍLIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Pirenópolis
LOCALIDADE	Pirenópolis
MUNICÍPIO / UF	Pirenópolis

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Mascarados
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Curucucu
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	Pessoas diversas, em grupos ou sozinhas. O anonimato é uma das premissas dos mascarados.		☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Possuem as mais variadas profissões	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	Não se aplica
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO:		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

GO 01 00 08 F40 03



RESTARQ – 0094 – JGC – F40-03
MASCARADOS SE PREPARANDO NO QUINTAL
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0095 – JGC – F40-03
GRUPOS DE MASCARADOS NO QUINTAL
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0096 – JGC – F40-03
PREPARAÇÃO DE OUTRO GRUPO
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0097 – JGC – F40-03
ÚLTIMO PREPARATIVO: COLOCAR A MÁSCARA
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0098 – JGC – F40-03
NA RUA AS TURMAS SE ENCONTRAM
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

RESTARQ – 0101 – JGC – F40-03
A TURMA DO ÍNDIO SE PREPARANDO
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0102 – JGC – F40-03
A TURMA DO ÍNDIO PELAS RUAS DA CIDADE
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0103 – JGC – F40-03
A TURMA DO FRALDÃO NO CAMPUS
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0104 – JGC – F40-03
A TURMA DO FRALDÃO NO CAMPUS
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0105 – JGC – F40-03
A TURMA DO CATULÉ
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

RESTARQ – 0106 – JGC – F40-03
MASCARADO NA BEIRA-RIO – SÁBADO DO DIVINO
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0107 – JGC – F40-03
OS MASCARADOS NA HORA DA EXECUÇÃO DO HINO DO DIVINO
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0108 – JGC – F40-03
MASCARADOS NO RANCHÃO
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

GO 01 00 08 F40 03



SET – 2771 – ESPIÃO MOURO MASCARADO
FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.



SET – 8444 – PRIMEIRA SAÍDA DOS MASCARADOS – SÁBADO DO
DIVINO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



SET – 3969 - MASCARADO
ORNAMENTADO COM "SÃO CAETANO"
FOTO: CHRISTOPHE SCIANNI - 2008

SET – 3975 - MASCARADO COM
MÁSCARA DE BOI PELAS RUAS DE
PIRENÓPOLIS
FOTO: CHRISTOPHE SCIANNI - 2008



SET – 1749 - MASCARADO NO LARGO DA MATRIZ
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 3988 - MASCARADOS NO LARGO DA MATRIZ
FOTO: CHRISTOPHE SCIANNI - 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

SET – 8487 – GRUP
FOTO: SAULO C

SET – 7480 - MASCARADO PELAS RUAS
DOMINGO DO DIVINO
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 9281- MASCARADO A GALOPE
DOMINGO DO DIVINO
FOTO: SAULO CRUZ - 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

GO 01 00 08 F40 03



SET – 8968 – MASCARADOS, EM FINAL DE TARDE, NO LARGO DA MATRIZ

FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 6881 - MASCARADOS PRÓXIMOS ÀS BARRAQUINHAS

FOTO: CHRISTOPHE SCIANNI - 2008



SET – 1732 - MASCARADOS NO LARGO DA MATRIZ

FOTO: SAULO CRUZ - 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

SET – 7409 - MASCARADOS DA TURMA DO CAIXÃO
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 7426 - MASCARADOS NAS PROXIMIDADES DO CAMPO DAS CAVALHADAS
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 2862 - MASCARADOS NO LARGO DA MATRIZ
FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO - 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

GO 01 00 08 F40 03



SET – 1746 - MASCARADOS PEDINDO DINHEIRO
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 7556- MASCARADO BEBENDO CERVEJA COM CANUDO
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 9466 - MASCARADOS COM CARROÇA NO CAMPO DAS CAVALHADAS
FOTO: SAULO CRUZ - 2008

SET – 7314 – MASCARADO COM “SÃO
CAETANO”
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 7320 – MASCARADO COM “SÃO
CAETANO” E CABAÇAS
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

SET – 7102 – MASCARADOS ESPERANDO PARA ENTRAR NO CAMPO DAS CAVALHADAS
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI - 2008



SET – 6394 – VISTA PANORÂMICA DO CAMPO DAS CAVALHADAS COM MASCARADOS
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI - 2008



SET – 7330 – MASCARADOS COM FAIXAS NO CAMPO DAS CAVALHADAS
FOTO: SAULO CRUZ - 2008



SET – 0719 – PAI E FILHO DE MASCARADOS
FOTO: SAULO CRUZ - 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

Os mascarados se distinguem dos demais participantes da Festa do Divino Espírito Santo por portarem máscaras. O hábito de usar máscaras é bastante antigo e a função de manter o anonimato do participante persiste com o passar do tempo. De acordo com o exposto por Alves, *“os mascarados se desgarraram das cavalhadas e conquistaram espaço próprio para brincar e festejar, trazendo muita diversão e se tornando indispensáveis à festa”* (2004, p. 132). A autora aponta que, desde 1957, eles recebem espaço nos impressos da programação oficial da Festa do Divino de Pirenópolis.

Não há requisitos para se sair de mascarado, a não ser o uso de máscaras. Os mascarados aparecem na Festa do Divino com data, horário e lugar programados: Sábado do Divino, ao meio-dia, na porta da Igreja Matriz. Neste dia, circulam pelas ruas da cidade e, como não há Cavalhadas, é comum que alguns cavaleiros saiam de mascarados; entretanto, não foi possível obter registros, uma vez que uma das regras de ouro dos mascarados é manter o anonimato.

Geralmente, o dia com maior número de mascarados a cavalo é o Domingo do Divino, quando acontece o primeiro dia de Cavalhadas. No dia seguinte, há uma redução significativa do número de mascarados a cavalo e, no terceiro dia, o número volta a crescer. Essa dinâmica é explicada pelo fato da maioria dos mascarados pouparem cavalos na segunda-feira, dia em que saem a pé. Estes procedimentos, que normatizam a atuação dos mascarados, alteram o modo de interação dos mascarados com o público. Quando montados a cavalo seu espaço, de atuação é limitado ao campo das Cavalhadas e às ruas da cidade; por outro lado, quando estão a pé, têm livre acesso também aos camarotes, ranchões e demais espaços destinados apenas a pedestres. Sair de mascarado é quase sempre uma atividade coletiva, o que pode ser evidenciado pelos inúmeros grupos de mascarados existentes, como os Maromba, os Catolé, os Índios, “os” Pastorinhas, a Turma do Caixão, dentre outros. Os mascarados podem sair individualmente, seja a cavalo ou a pé; entretanto, a tendência é que se juntem a outros mascarados formando, assim, turmas onde nem sempre é conhecida a identidade dos demais envolvidos. A participação masculina, independentemente da idade, é predominante entre aqueles que saem de mascarado, mas as mulheres vêm conquistando espaço neste segmento, principalmente saindo a pé. Para o público, é difícil distinguir se o mascarado é homem ou mulher, uma vez que ao portar máscaras os participantes fazem de tudo para não serem identificados, alterando o modo de andar, o gestual e falando sempre em falsete. Fantasias de “mulher” é uma prática muito apreciada pelos mascarados a pé, o que dificulta ainda mais a identificação do gênero dos mascarados.

O cavalo, entretanto, é dispensável, sendo muito comum o mascarado a pé. As fantasias não precisam ser planejadas; alguns juntam roupas em desuso e montam suas fantasias. Também é comum emprestar roupas de amigos ou parentes. Quanto ao modelo de máscara a ser utilizado, os mascarados podem compor grupos com as tradicionais máscaras feitas de papel em diversos modelos: onça, macaco, gente, boi; podem ser de tecido com desenho de caveira ou de borracha, industrializada, normalmente monstros. Podem também ser fruto da imaginação dos artistas. A grande maioria das pessoas que saem de mascarados já teve parentes que também saíram na Festa do Divino como mascarados, não necessariamente na mesma época. Luiz Gustavo de Siqueira sai de mascarado desde 1971 e, em 2008, saiu junto com seu filho mais velho, Luiz Santiago. O caçula, ainda pequeno, saiu de mascarado a pé, segundo entrevista dada à equipe (10/05/2008). A grande maioria dos mascarados é pirenopolina, independentemente do lugar de moradia ou da renda mensal – com a máscara no rosto todos ficam iguais.

Para Alves sair de mascarado *“se justifica no que a máscara permite e propicia: a desforra, a paquera e a sedução, a alegria solta, o descompromisso e a liberdade totais – na diluição do eu em milhares de identidades, em ser o outro, em ser ninguém”* (2004, p. 153).

Fontes:

ALVES, Ana Cláudia Lima e. *Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente*. Brasília, UNB, 2004. 186p. (Mestrado em História).

Luiz Gustavo de Siqueira, entrevista concedida em 10 de maio de 2008.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. *Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional*. Rio de Janeiro, PPGG/UFRJ, 2002. 300 p. Tese (Doutorado em Geografia).

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

As atividades ligadas aos mascarados estão basicamente ligadas a seis espacialidades distintas a serem descritas: quintais das casas, Largo da Matriz, Ruas da cidade, Campo das Cavalhadas, Ranchões e Beira Rio.

Quintais das casas: lugar onde grupos se reúnem para se prepararem como mascarados. Geralmente parentes ou amigos, o tamanho do grupo é variável, desde duplas até grupos de cinquenta pessoas, como os “mascarados índios”, por exemplo. Os quintais geralmente possuem acesso à rua posterior da casa, o que facilita a entrada e saída de cavalos. Por terem sombra, os quintais são usados como pastos provisórios durante a Festa do Divino. Não há alterações significativas para abrigar os animais, apenas improvisa-se uma cerca e distribuem-se bacias com água e ração para os animais.

Largo da Matriz: este espaço recebe a confluência das ruas Direita, Nova, Rosário, Bonfim, Matutina, da Prata e Avenidas Neco Mendonça e Joaquim Alves, concentrando o público e a imprensa, no Sábado do Divino, durante o repique de sinos, ao meio-dia. Configura-se, deste modo, no local preferido pelos mascarados para sua primeira grande aparição, durante os festejos do Divino. Nos outros dias da Festa, o Largo não atrai a atenção dos mascarados.

Ruas da cidade: é muito comum que os mascarados saiam para pelas ruas da cidade por volta do meio-dia. Tal prática atrai a atenção dos moradores que saem às portas para ver o passar dos mascarados, solitários ou em grupos, anunciados pelo som dos poliques, invariavelmente dependurados no peitoral preso ao cavalo. Enquanto as Cavalhadas estão sendo encenadas, por falta de espaço no Campo, os mascarados circulam pelas ruas fazendo algazarra e brincando com quem passa.

Campo das Cavalhadas: a participação dos mascarados no Campo das Cavalhadas é restrita aos intervalos da encenação entre mouros e cristãos e aos momentos destinados à abertura, uma vez que o campo é cercado por alambrado e os portões vedam a entrada dos mascarados durante a apresentação.

Ranchões: Os ranchões são boates improvisadas em espaços que possuem outras funcionalidades no decorrer do ano. Fazem parte da tradição festiva de Pirenópolis, como na maioria das cidades do interior. Antigamente eram montados na praça central – Largo da Matriz –, mas desde o final da década de 1980 foram transferidos para as proximidades do Campo das Cavalhadas. Bem próximo à entrada principal do Campo das Cavalhadas, funciona o Ranchão Mangueira e, um pouco mais acima, o Ranchão Deurípides, que têm nos mascarados público certo: ambos não cobram entrada dos mascarados durante as matinês. Encerrada a apresentação das Cavalhadas, muitos mascarados voltam para os Ranchos até que desliguem o som. Dificilmente os mascarados retiram suas máscaras enquanto dançam nos ranchões.

Beira-Rio: as áreas mais utilizadas pelos mascarados para darem água aos cavalos durante a Festa do Divino são a Ramalhuda (acima da ponte de madeira) e abaixo do Poção da Ponte. Estes lugares contam com remanso que permite a entrada dos animais no leito do Rio das Almas.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Rio das Almas: a região abaixo do “Poção da Ponte” e a parte superior à Ramalhuda, onde os mascarados dão água a seus cavalos, apresentam caminhos de acesso e possuem águas calmas e rasas. Estes espaços são preferidos serem mais afastados e pouco frequentados, o que colabora para o anonimato dos mascarados, pois alguns deles retiram as máscaras enquanto dão água aos cavalos.

Campo das Cavalhadas: Os mascarados entram em cena em momentos pré-determinados – nos intervalos, quatro ou cinco vezes por dia, quando os portões do lado do castelo cristão são abertos. A concepção arquitetônica do Campo das Cavalhadas, além de disponibilizar pouco espaço para a atuação dos mascarados, alterou profundamente a integração entre eles, os cavaleiros e o próprio público. (consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F50-03 – Campo das Cavalhadas)

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O agenciamento dos espaços por onde circulam os mascarados é mínimo, uma vez que quase nada é pensado e planejado em função destes importantes personagens. No Campo de Cavalhadas apenas algumas faixas são destinadas a registrar ou agradecer a presença dos mascarados. Tanto no Lago da Matriz como pelas ruas da cidade nada é feito considerando a passagem dos mascarados; nem mesmo o trânsito é fechado ou controlado. Entretanto, os motoristas locais evitam trafegar pela região, pois consideram que, nestes dias, “as ruas são dos mascarados”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03****7. TEMPO****7.1. PERIODICIDADE**

Os mascarados saem às ruas no Sábado do Divino – em 2008 no dia 10 de maio – durante a tocata na porta da igreja Matriz. Marcam presença, também, nos três dias seguintes quando acontecem as Cavalhadas. A última aparição se dá por ocasião de Corpus Christi. Geralmente saem às ruas por volta do meio-dia e se recolhem no início da noite.

7.2. Ocorrência efetiva desde 1997

1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐

8. BIOGRAFIA

As biografias daqueles que saem como mascarados durante a Festa do Divino Espírito Santo são diversas. Entretanto, é recorrente ouvir dos entrevistados que mascarados ou pastorinhas são marcas da identidade. Existem alguns grupos de mascarados já organizados que congregam muitos participantes, possuindo histórias próprias ligadas à atividade.

Maromba – grupo formado no final da década de 1960, que já chegou a ter cinquenta integrantes. Deste grupo saiu um time de futebol com o mesmo nome. No início o grupo, não era uniformizado; algum tempo depois, seus integrantes passaram a usar as mesmas fantasias no Domingo do Divino. Os Marombas são bem populares, sendo inclusive mencionados na quadra abaixo:

“Você vai? Vou!
 Você vai com quem?
 Vou com a Maromba, lá pra festa do Muquém”

Atualmente o Maromba deixou de participar da Festa do Divino como mascarados; alguns poucos ainda jogam futebol. Segundo eles, Maromba é sinônimo de malandragem. Uma das características principais do grupo era sempre sair com máscaras de boi e roupas que chamavam a atenção pela beleza.

Catulé – este grupo nasceu na década de 1970, em consequência de uma brincadeira que homenageava um vendedor de catolé (palmito amargo). O grupo era grande e reunia antigos mascarados, embora predominassem jovens. Os mascarados Catulé usam macacão listrados, usam chapéu de palha com flores de papel e máscaras de tecido preto com desenho de caveira. São conhecidos também por “os gordos”. Hoje, mesmo com a dissolução do grupo, é recorrente a presença de mascarados vestidos como catulés durante as Cavalhadas. Os cavalos dos Catulé também são cobertos por tecidos listrados.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

Turma dos Cabeçudos – Na década de 1980, Roberto Gonzaga de Oliveira, o Robertão, começou a confeccionar máscaras de papel, transportando para elas questões cotidianas da cidade. As máscaras eram grandes e pesadas, o que chamava a atenção, uma vez que os participantes também eram altos. Roberto não costumava vender suas máscaras e ainda hoje as conserva, como informa Alves (2004, p. 158).

Os Índios – por volta de 1998, quatro amigos resolveram sair de mascarados na segunda-feira, segundo dia das Cavalhadas. Como não tinham nada preparado, decidiram sair de “índio” que, segundo o líder do grupo, Yuri de Pina, se resume a “*arrumar uma tinta guache, tirar a roupa, ficar só de sunga, pintar o corpo e ir pro campo*”. Atualmente, o grupo conta com 65 participantes, todos cadastrados na Promotória do município, pois têm fama de causar tumultos. Um dos incentivadores do grupo, Eudes Forzani, patrocinou as máscaras de papel por eles utilizadas em 2008.

“Os” Pastorinhas – o grupo resolveu sair de “Os” Pastorinhas por volta de 2005, sempre às terças-feiras, último dia das Cavalhadas. Para isso, providenciaram roupas iguais às da revista “As Pastorinhas”, encenada todos os anos, durante a Festa do Divino. O número de participantes, poucos no início, aumenta a cada ano, segundo Pedro Ulisses de Moraes Pina. Em 2008, por exemplo, além das pastorinhas, o grupo desfilou outros personagens do auto, como o capeta, Simão velho e Diana, além de Dona Ita e Seu Alaor – diretores da revista “As Pastorinhas”. Desde 1998, o grupo sai apenas de fraldão geriátrico descartável e máscara, durante o Domingo do Divino; na segunda-feira, saem de gari varrendo os camarotes em troca de cerveja. Esta turma se caracteriza por sair sempre a pé.

A Turma do Caixão – saem a pé desde 2000, sempre de terno e gravata e carregam um caixão de madeira feito para as gravações do filme “O Tronco” (realizadas em 1998) e posteriormente doado ao Museu da Família Pompeu. Os participantes se apropriaram do caixão e sempre passam fazendo brincadeiras diante de Christóvam Pompeu de Pina, responsável pelo museu.

Turma da Telma – primeiro grupo de mulheres a sair de mascarados, a pé, formado por cerca de quinze amigas que saem, geralmente, às segundas-feiras. Telma Lopes Machado, esposa do rei mouro, foi uma das primeiras mulheres a sair de mascarado a cavalo, ainda na década de 1970.

Existem ou existiram inúmeras outras turmas organizadas de mascarados. As mencionadas aqui foram aquelas com quem a equipe manteve mais contato durante o período da pesquisa.

Fontes:

ALVES, Ana Cláudia Lima e. *Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente*. Brasília, UNB, 2004. 186p. (Mestrado em História).

Entrevista concedida por Eudes Forzani em 12 de maio de 2008.

Entrevista concedida por Pedro Ulisses de Moraes Pina em 13 de maio de 2008

Entrevista concedida por Yuri de Pina em 12 de maio de 2008.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

Histórica e mitologicamente, as máscaras possuem inúmeras origens, algumas mais difundidas do que outras. Diversos autores descrevem o que elas representam ao longo da existência humana. Cascudo afirma que a máscara “é de uso universal, e sua origem não pode ser calculada no tempo” (2008, p. 371).

Para Bakhtin, que realiza estudo sobre a Idade Média e o Renascimento, a máscara “é o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular. A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio do jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável. Basta lembrar que manifestações como a paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as ‘macaquices’ são derivadas da máscara” (2002, p. 35).

Câmara Cascudo segue pontuando que “a máscara de teatro vulgarizou-se na Europa, disfarce elegante desde a Renascença, fingimento tentador, emblema do Carnaval europeu, chegando, nesse plano, ao Brasil em meados do século XIX” (2008, p. 371). Aponta, no entanto que as máscaras indígenas, apesar de abundantes e com inúmeras variações não tiveram projeção social ou foram utilizadas nas manifestações populares. Complementa afirmando o que se vê na prática dos mascarados em Pirenópolis: “da significação milenar de a máscara constituir outra pessoa, resta-nos a invariável voz falsa, esganiçada, o falsete de todos os mascarados” (p. 371).

São inúmeras as festas no Brasil e em Goiás em que as máscaras, dos mais variados tipos se fazem presentes. Desde a Folia de Reis com os “palhaços” mascarados e os Farricocos da Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás, culminando com as Cavalhadas goianas, quase todas com a presença de mascarados.

Em Pirenópolis, não há registro do início das atividades dos mascarados, mas é bem possível que no primeiro ano de registro da Festa do Divino, 1819, eles já estivessem presentes animando a Festa e se divertindo, pois há relatos de viajantes europeus a respeito de mascarados que se fazem presentes nas Festas do Divino de cidades próximas. Por outro lado, relatos sobre Festas do Divino, realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo no século XIX, apontam a participação de mascarados (Moraes Filho, 1974). Alves (2004), em pesquisa sobre os mascarados, identifica o que chama de alguns “mitos de origem” desta forma de expressão, sendo que alguns narradores atribuem tal invenção aos negros escravos, o que vai ao encontro do apontado por Carvalho sobre o surgimento dos mascarados, que “acredita-se ser africana” (2001, p. 112). Outros explicam “sua criação como desforra de algumas pessoas que se viram excluídos do grupo original de 24 cavaleiros” (2004, p. 131). É comum a relação do “surgimento dos mascarados ao ataque e destruição das Lavras do Abade, no alto da Serra dos Pireneus, ocorrido em março de 1887” (2004, p. 132). Segue apontando a versão mais provável e aceita por todos: segundo a autora, onde os mascarados “seriam uma recriação ou um desdobramento da figura do espião” (2004, p. 132).

Fontes:

ALVES, Ana Cláudia Lima e. *Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente*. Brasília: UNB, 2004. 186p. (Mestrado em História).

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. 5ª Ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002. 419p.

CARVALHO, Adelmo de. *Pirenópolis: coletânea 1727-2000 – História, turismo e curiosidades*. Goiânia, Kelps, 2001. 213p.

MORAES FILHO, J. A., *Festas Tradicionais no Brasil*, 1974, EPU/Edusp, SP.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

Os mascarados ocupam um lugar de destaque no ideário pirenopolino, onde a maioria das pessoas já teve oportunidade ou vontade de sair de mascarado e, quem já não sai mais, sente saudades da época em que saía. Os mascarados servem, para muitos, como parâmetro de verificação se a Festa daquele ano está animada ou não, de acordo com a quantidade de mascarados em circulação pelas ruas da cidade.

Enquanto representação, os mascarados foram ganhando destaque com o passar dos anos e hoje grande parte do material de divulgação da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis possui imagens dos mascarados. A transformação dos mascarados em ícones da cidade, mesmo em outros momentos que não os da Festa, vem ocorrendo, com destaque para a máscara de boi. Geralmente, a cobertura da imprensa sobre a Festa do Divino reserva um espaço especial aos mascarados.

Ao mesmo tempo em que a figura do mascarado vem representando a cidade em feiras e eventos ligados ao setor turístico, a máscara é muito procurada como lembrança (souvenir) da cidade. Esta condição demonstra a representatividade que esta forma de expressão possui, não só para a comunidade, mas para o público em geral.

Sobre a participação de meninas como mascarado podemos verificar a inclusão pelo relato de Ana Laura, 13 anos, *“todo ano eu vou na casa da minha madrinha que organiza, que ajuda a fazer as flores e os buques, e eu sempre tive vontade de sair, só que eu era muito nova, aí nesse ano [2008] meu pai deixou eu sair, aí eu ajudo a arrumar, a fazer os colar, e a fazer os buque, o pano tudo. Aí a gente chega aqui e arruma, encontra, dá uma volta na Igreja e fica, vai pro campo”* (11/05/08). Outro integrante do mesmo grupo, Antônio Zanini Neto, narra sobre a representação e a importância para ele de ser mascarado *“mascarado é folclore é tradição é tudo, pra mim é tudo, eu vou morrer em cima de um cavalo com máscara”* (11/05/08).

Luis Gustavo Siqueira conta que sai de mascarado desde 1971 e a cada ano faz uma ou duas roupas novas, *“é uma sensação boa, desde menino a gente sai. A gente gosta de andar de cavalo, da parte de brincar também né, eu acho muito bom”*. Fala sobre algumas práticas: *“o mascarado ele conversa com as pessoas, dá atenção para as crianças, pessoas idosas, não é? Ele não é só fazer bagunça, é saber brincar, é saber conversar com as pessoas”* (10/05/08).

Sobre o surgimento dos grupos ou turmas, às vezes não há um planejamento e sim improvisado que acaba por chamar a atenção. A Turma do Índio surgiu com quatro amigos que após saírem de mascarado no domingo perceberam que não tinham roupa para sair na segunda-feira. Daí, dois deles, Yuri e Machado, resolveram propor sair de índio que seria, segundo Yuri, *“arrumar uma tinta guache, tirar a roupa, ficar só de sunga, pintar o corpo e ir pro campo. Aí quando vai passando de ano em ano, foi só entrando mais gente, de ano em ano só vai aumentando a turma. A expectativa é de 65 neste ano de 2008”*.

Fontes:

Entrevista concedida por Ana Laura de Tarso Ferreira em 11 de maio de 2008.

Entrevista concedida por Antônio Zanini Neto em 11 de maio de 2008.

Entrevista concedida por Luiz Gustavo Siqueira em 10 de maio de 2008.

Entrevista concedida por Yuri de Pina em 12 de maio de 2008.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Sem data	Não há registros da inserção dos mascarados na Festa do Divino em Pirenópolis, embora presume-se a sua participação desde o início desta festividade.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Dentre as principais atividades desenvolvidas pelos mascarados, está o planejamento e a execução das etapas que culminam com a saída dos mascarados. A preparação implica em decidir a formação do grupo e qual o tipo de roupa e de máscara que serão utilizadas. Após as definições, é esperar pelos dias em que os mascarados circulam pelas ruas ou pelo Campo das Cavalhadas, pois, neste caso, produto e repertório resumem-se na própria expressão dos mascarados.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**GO 01 00 08 F40 03**

ETAPA	ATIVIDADE
Definições	Individual ou coletivamente, os mascarados decidem como serão as roupas e máscaras que irão utilizar.
Providências	Algumas pessoas ficam encarregadas de contratar costureiras e encomendar máscaras e flores de papel. Compram-se tecidos, tiram-se medidas e preparam-se as montarias. Caso necessário compra-se ou manda-se reformar as arreatas e verificam-se os poliques – sinos utilizados no peitoral usado nas montarias - marca indispensável dos mascarados que saem a cavalo, que os diferencia dos cavaleiros, que utilizam guizos.
O aprontar	O momento de aprontar é uma festa restrita para alguns grupos, pois, além de muita cerveja, prepara-se caldão de mandioca com costela, arroz com frango, feijão tropeiro. Os mascarados se reúnem em um lugar pré-determinado, que pode ser o quintal da casa de algum participante ou chácara próximas à cidade. Enquanto se preparam, escutam som, comem e bebem. Todos são companheiros e se ajudam mutuamente. Uns ajudam nos arreios, outros batem spray nos casco dos cavalos, outros ajudam nas roupas ou nos ajustes finais das máscaras.
O sair	Os mascarados saem pelas ruas em torno do meio-dia. Saem em grupos ou individualmente, mas é comum que turmas se juntem, pois o espírito festivo é predominante. Chamam mais atenção quando caminham pelas ruas no Sábado do Divino, quando o público se aglomera no Largo da Matriz para a tocata da Banda Phoenix. Nos dias de Cavalhadas, quando a maioria dos mascarados ganha a rua, o público já está no Campo das Cavalhadas.
No Campo das Cavalhadas	Os mascarados possuem momentos pré-determinados para entrar no Campo das Cavalhadas, durante os intervalos entre as carreiras. Entretanto, faz parte da tradição que os mascarados não se retirem do campo, quando solicitado. Nestes momentos, enquanto o locutor das Cavalhadas, Pompeu Christóvam de Pina, insiste para que se retirem, os mascarados permanecem fazendo evoluções no campo, sempre no sentido anti-horário para evitar choques entre si, uma vez que as máscaras limitam seu campo de visão. Os mascarados somente se retiram do campo após muita insistência e algumas ameaças.
Após a apresentação das Cavalhadas	Quando terminam as encenações diárias das Cavalhadas, muitos mascarados acompanham a Banda Phoenix que desce tocando do Campo até sua sede, na Rua Nova. Outros ficam nas proximidades do Bar Central no Largo da Matriz ou circulando pelas ruas da cidade. Há uma legislação municipal, de 1992, que determina que os mascarados se recolham a partir das 19h00, embora não haja fiscalização para tanto. Normalmente, na terça-feira, último dia das Cavalhadas, este horário é extrapolado devido às várias atividades que se concentram ao final do espetáculo, como ida à Igreja do Bonfim e acompanhamento da Banda à Casa do Imperador e depois à sede da Banda. Esta tentativa de imposição de limites aos mascarados, com base em portarias, parece não ser muito eficaz, pois <i>“em 1975 o juiz proibiu sua circulação depois das dezoito horas”</i> , relatam as irmãs Pereira e Jardim (1978, p. 66).

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Mascarados a pé	Animar os participantes das arquibancadas e das imediações do Campo das Cavalhadas, incluindo os ranchões. Também entram no Campo das Cavalhadas e fazem graça para o público. Possuem maior mobilidade e por isso entram com maior frequência nos camarotes.
Mascarados a cavalo	Também animam a Festa e, por possuírem horários pré-determinados para entrar no Campo das Cavalhadas, circulam pelas ruas da cidade em outros momentos, chamando a atenção da comunidade e dos turistas que não estão assistindo às Cavalhadas. Recebem maior destaque na mídia.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Quintais das casas
QUEM PROVÊ	Os moradores

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	GO 01	00 08 F40 03
--	--------------	---------------------

FUNÇÃO	Local destinado à reunião do grupo de amigos que saem de mascarados. Os quintais geralmente são grandes e têm acesso à rua de trás, paralela à da entrada principal, onde permanecem os cavalos que serão utilizados pelos mascarados.
DESCRIÇÃO	Patrocínios diversos
QUEM PROVÊ	Pessoas da comunidade, parentes ou não dos integrantes dos grupos de mascarados.
FUNÇÃO	Colaboração financeira ou outras formas de colaboração. Durante campanhas políticas, o patrocínio fica mais evidente quando os mascarados fazem alusão - sutil ou não - aos candidatos que os patrocinam.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	As máscaras
QUEM PROVÊ	Produzidas por artesãos locais ou por qualquer outra pessoa, muitas vezes os próprios mascarados. As de maior destaque são as de papel, chamadas, também de máscaras tradicionais.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Distinguir os mascarados dos demais participantes da Festa.
DISPONIBILIDADE	Lojas de artesanato, casa dos artesãos ou dos próprios mascarados.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Cerveja, água e refrigerantes
QUEM PROVÊ	Pessoas da comunidade que estão presentes no Campo das Cavalhadas ou nas ruas da cidade.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os mascarados, por convenção da expressão, pedem “um dinheirinho” para comprar cerveja, mesmo que o dinheiro não tenha este destino. O ato de dar o dinheiro implica em ficar livre das arruaças que os mascarados fazem com voz de falsete para não serem identificados.
DESCRIÇÃO	Caldão, arroz com frango e feijão tropeiro.
QUEM PROVÊ	Os próprios mascarados
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Normalmente, o mascarado se alimenta enquanto se prepara para sair às ruas. Dificilmente ele se alimenta enquanto está nas ruas, pois o ato de comer implica na retirada da máscara, o que os mascarados evitam ao máximo.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	GO 01	00 08 F40 03
--	--------------	---------------------

DESCRIÇÃO	Os figurinos são os mais variáveis possíveis. Não há um modelo padrão, a criatividade é que faz a diferença. A vestimenta geralmente é composta por calça com elástico e camisa de manga comprida feita em cetim colorido. Entretanto, qualquer roupa serve para sair de mascarado; podem ser roupas antigas, de amigos ou parentes, de peças de teatro, ternos velhos dentre outros tipos de figurinos.
QUEM PROVÊ	Os mascarados. É muito comum que os integrantes de um grupo troquem suas roupas entre si para dificultar o reconhecimento de algum dos integrantes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Disfarçar, chamar a atenção do público em geral e manter incógnita a identidade do mascarado. Normalmente, o corpo é totalmente coberto (luvas, mangas compridas, sapatos e meias etc), para preservar o anonimato.
DESCRIÇÃO	Entre os adereços, o mais comum são as flores em papel. Entretanto, os mascarados utilizam inúmeros outros recursos para chamar a atenção, como, por exemplo, ramos de “são caetano”, cabaças e buchas. Também são utilizados cartazes, faixas, malas, urinol, óculos, malas, instrumentos musicais de brinquedo, dentre outros. Os cavalos também recebem adereços, alguns semelhantes aos das montarias dos cavaleiros, como as máscaras e ornamentos para patas, porém ainda pouco recorrentes.
QUEM PROVÊ	Os mascarados. Nem sempre são comprados, às vezes emprestam ou trocam adereços com outros mascarados.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Chamar a atenção pela beleza ou pela originalidade e criatividade.

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	“O Rio de Piracicaba” – composição de Tião Carreiro, Piraci e Lourival Santos. A primeira gravação foi realizada então gravadora Chantecler-Continental no LP “A força do perdão” e data de 1970.
QUEM PROVÊ	A Banda de Música Phoenix executa esta canção gravada originalmente por Tião Carreiro e Pardino.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A música “Rio de Piracicaba” tornou-se o hino dos mascarados. Somente quando a Banda Phoenix inicia sua execução é que os portões se abrem para que – a cada dia - eles entrem pela primeira vez no Campo das Cavalhadas. Grande parte da população presente no Campo canta ou conhece letra da música.
DESCRIÇÃO	Hino do Divino – composição de Antônio da Costa Nascimento, o Tonico do Padre, de 1899.
QUEM PROVÊ	A execução do Hino do Divino No Campo das Cavalhadas cabe à Banda de Música Phoenix.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O Hino do Divino indica o ponto máximo da abertura no Campo das Cavalhadas. É a partir dele que se dá início à apresentação da luta entre mouros e cristãos. Durante a execução do Hino, os mascarados se aglomeram em frente ao camarote central (composto pelo camarote oficial da Prefeitura, camarote da Banda e camarote do Imperador) e muitos deles ouvem o Hino em pé sobre o cavalo e com a mão no peito, demonstrando a sua devoção.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	GO 01	00 08 F40 03
--	--------------	---------------------

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Mascarado	O mascarado volta para casa, desarreia, lava, alimenta e solta o cavalo para descanso. Separa as roupas com que saiu de mascarado para sair com elas novamente ou lavá-las. Coloca a máscara em local arejado para secar.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO - não se aplica

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Não há uma cooperativa ou associação que represente oficialmente os mascarados, uma vez estes prezam, em primeiro lugar, o anonimato. Entretanto, há um código de cooperação entre os mascarados que – em determinados momentos – permite que eles ajam de comum acordo como, por exemplo, luta por maior participação durante a apresentação das Cavalhadas. Grupos não organizados juridicamente já se contrapuseram a tentativas recentes de se numerar os mascarados, registrando-os junto à polícia durante a Festa do Divino. A posição dos participantes foi unânime: o anonimato é característica básica do mascarado. Diante de tal argumentação o projeto foi arquivado.
--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Repique de sinos	GO – 01 – 00 – 08 – F01 - A3
Hino do Divino	GO – 01 – 00 – 08 – F01 - A3
Cartazes	GO – 01 – 00 – 08 – F01 - A3
Cavalhadas	GO – 01 – 00 – 08 – F40 - 02
Cavalhadinha	GO – 01 – 00 – 08 – F20 - 04
Campo das Cavalhadas	GO – 01 – 00 – 08 – F50 - 03
Beira Rio das Almas	GO – 01 – 00 – 08 – F01 - A3

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	GO 01	00 08 F40 03
--	--------------	---------------------

Máscara	GO – 01 – 00 – 08 – F60 - 01
Flores de Papel	GO – 01 – 00 – 08 – F01 - A3

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não se aplica

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
ALVES, Ana Cláudia Lima e. <i>Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente</i>. Brasília, UNB, 2004. 186p. (Mestrado em História). BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais. 5ª Ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002. 419p. CARVALHO, Adelmo de. <i>Pirenópolis: coletânea 1727-2000 – História, turismo e curiosidades</i>. Goiânia, Kelps, 2001. 213p. MAIA, Carlos Eduardo Santos. <i>Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional</i>. Rio de Janeiro, PPGG/UFRJ, 2002. 300 p. Tese (Doutorado em Geografia). MORAES FILHO. <i>Festas Tradicionais do Brasil</i>. EPU/EDUSP, 1974. PEREIRA, Niomar de Souza, JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga. <i>Uma festa religiosa brasileira – Festa do Divino em Goiás e Pirenópolis</i>. São Paulo, Conselho de Artes e Ciências Humanas, 1978. 125p.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
- Entrevista concedida por Ana Laura de Tarso Ferreira em 11 de maio de 2008. - Entrevista concedida por Antônio Zanini Neto em 11 de maio de 2008. - Entrevista concedida por Eudes Forzani, em 12 de maio de 2008. - Entrevista concedida por Luiz Gustavo de Siqueira, em 10 de maio de 2008. - Entrevista concedida por Pedro Ulisses de Moraes Pina, em 13 de maio de 2008. - Entrevista concedida por Yuri de Pina, em 12 de maio de 2008.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Consultar Anexo GO 01 00 08 F1 A2

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Não há

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
CITADOS NO ITEM 13 DESTA FICHA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	GO 01	00 08 F40 03
--	--------------	---------------------

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Há, desde o início da década de 1990, concursos não regulares que incentivam o uso da máscara de papel em detrimento das máscaras de borracha, cada vez mais presentes na Festa do Divino Espírito Santo. Estes concursos também são realizados na Cavalhadinha.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Entrevistas, citadas no item 15.2 desta ficha.		
PESQUISADOR(ES)	João Guilherme da T. Curado		
SUPERVISOR	Marina de Macedo Soares		
REDATOR	João Guilherme da T. Curado	DATA 28/11/2008	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marina de Macedo Soares		